

# A crise, um erro econômico dos Estados Unidos.

A análise  
sobre a situação  
atual é do professor  
José Júlio Senna

Por que 1983 levará ser o quarto ano consecutivo de recessão econômica mundial? Por culpa da política econômica norte-americana, responde o professor José Júlio Senna, da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ele acha que há grandes semelhanças entre a crise atual e a que provocou a depressão dos anos 30 — e aquela, diz ele, também poderia ter sido evitada pelos Estados Unidos.



Em livro que será lançado amanhã, **A mão invisível** — Júlio Senna mostra que na crise de 1929, como na atual, o papel dos Estados Unidos foi fundamental, pois, basicamente, ambas as crises foram deflagradas por erros da política econômica norte-americana. A preocupação de que a crise atual assuma proporções semelhantes à de 1929 é, de certo modo, justificável, segundo ele, especialmente se foi levado em conta que essa crise começou pelo colapso do sistema financeiro internacional, particularmente do sistema bancário norte-americano.

## Lembrando 29

Segundo Júlio Senna, em meados de 1929, no pico da atividade econômica daquela época, o número de bancos comerciais em operação nos Estados Unidos era de cerca de 25 mil. Quatro anos mais tarde, havia menos de 15 mil, ou seja, mais de dez mil bancos haviam desaparecido, porque “quebraram” ou foram incorporados. Hoje existe a evidência de que a crise de 1929 começou porque os Estados Unidos, aos primeiros sinais da depressão econômica, passaram a acumular ouro, retirando moeda de circulação e agravando o ciclo. Caso o movimento fosse em sentido contrário, essa recessão poderia ter sido evitada, segundo a maioria dos analistas econômicos.

Agora, segundo o professor da FGV, o erro se repete no descompasso entre as políticas fiscal e monetária do governo norte-americano: a política fiscal expansionista, conjugada com a monetária restritiva, teve o efeito de elevar as taxas de juros para níveis jamais vistos. Essa mistura de política macroeconômica — disse — representa a pior combinação possível no que concerne a seus efeitos sobre as taxas de juros. Apenas em juros, o Brasil pagará, este ano, US\$ 10,5 bilhões.

Júlio Senna observou que com a explosão dos juros, muito acima da rentabilidade dos projetos, a indústria e outros segmentos da economia deixaram de investir em novos projetos. “Como era natural, a inibição dos novos investimentos impediu a recuperação da atividade econômica mundial, provocando a diminuição dos fluxos de comércio internacional. O protecionismo aumentou e as exportações reduziram-se.

## A população, mais pobre.

Segundo Júlio Senna, a retração econômica e a própria elevação das taxas de juros desestimularam a compra de commodities (matérias-primas), aviltando seus preços. Isto também prejudicou o comércio interna-

cional e iniciou o processo de crescimento econômico de muitas nações. Mostrou o professor da FGV que no período 1980/82, em diversos países a renda per capita está caindo, fenômeno não observado desde o pós-guerra. A média anual dos países industrializados no período 1963/73 foi de 4,7%, sendo que, em 1973, no

auge do boom econômico foi de 6,2%. Em 1982, a taxa de crescimento dos países industrializados teve cair para 0,8%.

As taxas de desemprego voltaram a subir a níveis de 8%, o que equivale a cerca de 3 milhões de pessoas desempregadas. No mês de outubro deste ano, a economia canadense registrou índice de desemprego de 12%, ao passo que nos Estados Unidos e Inglaterra chegou a 10,4 e 14%, respectivamente. O comércio internacional, que no período 1963/73, apresentou a média anual de 8,5% teve crescimento zero no corrente ano.

Segundo Júlio Senna, o novo choque do petróleo, ocorrido em 1979, trouxe novos efeitos desfavoráveis à produção, ao emprego e aos preços. Mas, desta vez pegou a economia mundial com enormes déficits fiscais. A inércia para reduzir os desequilíbrios orçamentários revelou-se bastante grande. A ideia de reduzir esse tipo de desequilíbrio é sempre muito ingrata, tornando-se ainda mais complexa num contexto de fraco desempenho econômico e altos níveis de desemprego. O que se requer nessas ocasiões, é uma mistura de corte de dispêndios com aumentos de impostos, ambos de difícil aceitação pela sociedade.

Observou ainda Júlio Senna que as despesas governamentais dos países industrializados, nas áreas sociais e de bem-estar, incluindo-se os gastos com seguro-desemprego, aumentaram sensivelmente nos últimos anos, atingindo 25% do total dos dispêndios públicos nos países industrializados. Esse tipo de despesa é dificilmente comprimível, politicamente. Além disso, o professor da FGV explicou que a utilização exagerada dos mecanismos de seguro-desemprego torna os trabalhadores menos propensos a aceitar reduções temporárias de salário real, o que dificulta ainda mais o processo de ajustamento.

“Em outras palavras”, disse Júlio Senna, “apesar do alto nível de desemprego reinante no mundo industrializado, as autoridades governamentais abstiveram-se de adotar estímulos monetários vigorosos. Aparentemente, o objetivo primordial da política monetarista antiinflacionária é preparar o terreno para um crescimento econômico auto-sustentado. Mas até agora não deu sinais de vida”.

Segundo o professor o título do livro — **A mão invisível** — se explica pela análise que faz da mão do governo e sua interferência na vida econômica da Nação, em contraposição à “mão invisível” das forças de mercado, que se integram numa economia de mercado pela livre concorrência.